

## RESENHA

Jayme Lisandro PACHECO. *Elos refeitos. Aposentados contam e refazem suas trajetórias de vida* (CMU/ED.SETEMBRO, 2005).

Stela Cristina de Godoi<sup>1</sup>

Em “*Elos refeitos. Aposentados contam e refazem suas trajetórias de vida*” o autor assume o desafio de empreender uma pesquisa de caráter interdisciplinar, desenvolvida através da metodologia da história oral e da memória. As análises expostas neste livro resultam da tese de doutorado do psicólogo, realizada sob orientação da socióloga, professora doutora Olga Von Simson, na Faculdade de Educação da Unicamp. Jaime, através da reconstrução das memórias de oito sujeitos aposentados, entre 54 a 96 anos, cujas histórias de vida mostraram-se igualmente imbricadas pela condição social de trabalhadores, buscou apreender a relação entre educação, trabalho, aposentadoria, velhice e depressão.

O objetivo deste estudo não foi somente compreender as motivações objetivas e, sobretudo, subjetivas que levaram seis de seus oito entrevistados a vivenciar sintomas depressivos depois da aposentadoria. O envolvimento com seus depoentes na construção de uma comunidade de destino, bem como, o esforço em promover uma análise substancialmente qualitativa das evidências empíricas coletadas por meio da aplicação da história oral, demonstraram a preocupação, expressa pelas palavras do autor, com a construção de um conhecimento que não se constitua em “(...) *palavras ao vento, nem memórias registradas em transcrições escritas em arquivos acessíveis aos que freqüentam as bibliotecas (...)* Deve ser, antes de mais nada, *sem perder o rigor acadêmico no entendimento de relações tão complexas, um olhar sobre como se construiu – e ainda se constrói – o futuro de seres humanos que envelhecem*”.

A pesquisa foi realizada por meio da análise de histórias de vida de um grupo de homens e mulheres que, embora estatisticamente irrelevante, expressaram particularidades da totalidade de um fenômeno social da vida cotidiana moderna, que pode ser observado por toda parte, em diferentes espaços públicos e privados. Nas palavras de Jayme, são “*histórias únicas, mas também comuns aos trabalhadores da modernidade*”. Deste

---

<sup>1</sup> Mestranda em Sociologia do IFCH/Unicamp

modo, esse recente estudo sobre a condição social de alguns sujeitos da classe trabalhadora no Brasil, os quais vivem processos de envelhecimento na fronteira do século XXI, fez uso de uma metodologia qualitativa, possibilitando transitar entre as particularidades do grupo social investigado frente ao processo global de modernização capitalista.

Por meio de uma perspectiva interdisciplinar no interior das ciências humanas e biológicas, Jaime trouxe à tona uma reflexão de profunda relevância para o entendimento da condição social de homens e mulheres no contexto histórico atual. Através da influência dessas diversas disciplinas, foi possível ao autor, abordar as diferentes faces da memória, enquanto fenômeno social, biológico e cultural, historicamente construído. O conhecimento produzido, acerca da realidade de algumas mulheres e homens *“aposentados ou velhos”* entrevistados, construiu-se a partir da curiosidade intelectual sobre as imagens que o passado projetou sobre o tempo presente.

Referindo-se à condição social de trabalhadores no modo de produção capitalista, Karl Marx afirmou no século XIX, que se tornou uma “sorte” para o trabalhador conseguir chegar ao homem que se interesse por ele. Assim, Jaime conseguiu mostrar, por meio do estudo de alguns casos particulares, os possíveis impactos psíquicos na vivência da velhice, no interior dessas condições sociais objetivas de primado do capital. Contudo, embora Jaime tenha levado em consideração que a condição de assalariamento favorece a instalação de sintomas depressivos no momento de abandono do período de vida laboral, entendido pela ideologia dominante, como “produtivo”, o autor busca ir além dessa constatação analisando a relação entre educação formal, aposentadoria e depressão.

Deste modo, a reconstrução dessas histórias de vida conduz o leitor a reflexão sobre o conteúdo moral e ideológico transmitido através da escola formal, freqüentada por seis dos oito entrevistados, justamente aqueles casos clínicos de depressão. Segundo o autor: *“A escola para as classes populares, instalada a partir do século XIX, embora tenha possibilitado aos indivíduos o alargamento de sua visão de mundo, (...), procurou desenvolver hábitos nos educandos que os levassem a ser pessoas obedientes, dóceis e capazes de suportar a rotina de trabalho em série, repetitivo e fragmentado”*. A escola teria sido, deste modo, a antecipação da fábrica fordista, na qual a disciplina e a indiferença para com a criatividade dos trabalhadores são suas marcas.

Apropriando-se da concepção de dominação de Foucault, Jaime afirma que a sociedade espera que a escola promova a disciplina e o hábito de se conformar com as imposições de uma organização. Mas que não os faça através da força, embora os relatos apresentados no livro tragam evidências empíricas sobre punições físicas e morais empreendidas pelas professoras, na sociedade de meados do século XX. A arte da disciplina consistiria em introjetar nos alunos o sentimento de que estão sempre sendo observados, a todo momento, *“do mesmo modo como será quando trabalhar”*.

Assim, o discurso ideológico que se transmitiu nas escolas frequentadas por alguns dos trabalhadores entrevistados, inculca em seus alunos a idéia de que o trabalho assalariado referenciava o homem e o valor do ser humano como produtivos, de modo que alguns dos trabalhadores aposentados acabaram debitando de si mesmos os *“fracassos de um final de vida sem o trabalho assalariado”*. Entretanto, o autor aponta que esse “insucesso” é socialmente construído, sendo possível resistir ao *“baixo status que as sociedades modernas reservam aos velhos”*.

A conseqüência desse modelo de educação para formar o cidadão e o trabalhador, vivenciado pelos entrevistados deste estudo, é o *“desaparecimento do espaço privado da elaboração, da invenção e da astúcia”*. A intenção pretendida racionalmente – embora nem sempre alcançada, pois, segundo Simone Weil, a racionalização nunca é total – é a de que o trabalhador internalize tão bem os princípios da economia capitalista no seu processo de formação escolar até o ponto em que não seja mais preciso que estes lhes sejam impostos. Tais hábitos e ideologia introjetadas ao longo da infância e vida adulta “produtiva” nortearam também as ações de seus entrevistados, nas etapas seguintes de seu desenvolvimento, condicionando o significado da velhice e da aposentadoria daqueles que *“eram reconhecidos como produtivos e se mantinham independentes”*.

Assim, contextualizando historicamente a representação social dos ciclos de vida, Pacheco (2006) afirma que a representação da velhice como decadência é um produto do final do século XIX, com o surgimento das instituições do Estado Moderno, dentre elas a escola, compreendida como instância de formação e de *“formatação”* para o trabalho moderno no modo de produção capitalista. Nesse contexto, com a vivência do “não-trabalho” assalariado, alguns trabalhadores aposentados, que enfrentam sintomas depressivos, vivenciam uma

situação em que o ideal de ego, instância da personalidade construída na vida societal, sofre um abalo, uma crise de não identificação. Segundo o autor, é como se aquela imagem que Narciso sempre havia visto refletida no lago, não pudesse mais ser vista depois da aposentadoria.

No caso de seis trabalhadores entrevistados por esse pesquisador, homens e mulheres brancos, empregados em cargos assalariados de relativa especialização, a aposentadoria provocou-lhes o sentimento de que não tinham mais uma função social, até mesmo dentro do universo familiar. A formatação promovida pela escola e pela família, ao longo da infância e da vida adulta, dificultaram a aceitação dessa nova fase da vida, na qual teriam de lidar com o preconceito e com a ideologia de que integrariam, enquanto aposentados, uma *“sociedade improdutiva”*.

Nesta empreitada de nova ordem das coisas, segundo o autor, restou a esses trabalhadores a compreensão de suas trajetórias de vida enquanto *“escravos”* de um sistema, para poder *“atingir a liberdade”*. Na vivência dessa crise, a depressão deve ser compreendida, na concepção de Jaime, como uma *“reação dos sujeitos a esta passagem dolorosa, expressa na tentativa ou busca de tempo para investir em outros objetos”*.

No caso de duas mulheres negras analfabetas ouvidas por Jaime, que exerceram, na maior parte de suas vidas, a profissão de empregadas domésticas, a aposentadoria não representou mudanças tão significativas na representação sobre si mesmas como ocorrera com os demais mencionados, pois tal trabalho pôde ser feito até quando tiveram forças físicas e necessidades de sobrevivência. Nessas duas narrativas é como se *“não tivesse havido interrupção em seu curso de vida”*.

A ausência da escola parece ter facilitado a manutenção da espontaneidade criadora destas duas mulheres, empreendendo processos silenciosos de resistência à dominação, fortalecendo-as para refazerem seus projetos de vida na velhice com integridade do ego. Contudo, nas páginas do livro, o autor não deixou de destacar que a educação e o trabalho têm uma outra propriedade que é a de possibilitar ao indivíduo a ampliação de seus conhecimentos e a auto-análise como sujeitos de sua história, disponibilizando dados para uma compreensão do mundo e de seu papel dentro dele.

É importante destacar que a memória foi concebida como metodologia e práxis na realização dessa pesquisa. Conforme os entrevistados viram-se, por meio das ocasiões criadas por esse pesquisador, estimulados a relembrar e elaborar um sentido para a

narrativa sobre a trajetória pessoal e familiar vivenciada, acabaram por efetivar um processo “*ontocrítico*” de contínua (re)constituição de suas subjetividades. Deste modo, o trabalho teórico-prático, feito a partir das memórias dos sujeitos dessa história, permitiu perceber o que outros estudiosos, como Simone Weil, já mencionaram: a integridade entre passado, presente e futuro é uma das mais importantes necessidades humanas, já que, segundo essa autora, seria vão e perigoso voltar às costas ao passado para só pensar no futuro.

A satisfação de reconstruir suas histórias de vida, conforme relatou os sujeitos deste estudo, permite perceber que a memória manifestou-se como resistência dos sujeitos que vivenciaram – e ainda vivenciam – as rupturas e os condicionamentos da vida moderna, numa luta silenciosa contra a “*despersonalização*” e a transformação dos trabalhadores a sujeitos que vivem a condição de descartabilidade. Assim, os sintomas depressivos vivenciados por alguns dos trabalhadores foram encarados, pelo autor de “Elos Refeitos”, como um fenômeno social coletivo e não individual, que nos alertam para a necessidade de revisão dos pressupostos e objetivos das instituições humanas, que os “*levaram a construir um modelo ideal a ser imitado*”.

Com efeito, a partir da leitura dos relatos analisados por Jaime Pacheco, é possível afirmar a necessidade de construção de uma outra sociedade em que não se valorize somente o novo, a estética da juventude, a força física e o poder de consumo. Dessa forma, por meio do exame de memórias que contaram algo sobre como a sociedade brasileira se formou e tratou os trabalhadores de ontem, algumas luzes foram lançadas sobre os impactos físicos e psíquicos do trabalho estranhado/alienado sobre as trajetórias de vida de trabalhadores, homens e mulheres, de diferentes credos, idades e raças.

